

considerações de toda a ordem, receosos de se verem perseguidos; mas Estevam, com Simão Pedro e João, mantinha-se absolutamente sereno, recebendo com bom animo a ordem de responder corajosamente ao libelo.

Cheio de esperança, rogava a Jesus não o desam-
evangelica.

E esperou o ensejo com fidelidade e alegria.

VI

ANTE O SINHÉDRIO

No dia fixado, o grande recinto do mais alto socialício israelita enchia-se de verdadeira multidão de crentes e curiosos, ávidos de assistir o primeiro embate entre os sacerdotes e os homens piedosos e estranhos, do "Caminho". A assembléia congregava o que Jerusaleém tinha de mais aristocrático e de mais culto. Os mendigos, porém, não tiveram acesso, embora se tratasse de um ato público.

O Sinhédrío exhibia seus personagens mais eminentes. De mistura com os sacerdotes e mestres de Israel, notava-se a presença das personalidades mais salientes do farisaísmo. Lá estavam representantes de todas as sinagogas.

Compreendendo a acuidade intelectual de Estevam, Saulo queria fornecer-lhe um confronto do cenáculo em que dominava o seu talento, com a igreja humilde dos adéptos do carpinteiro de Nazaré. No fundo, seu propósito radicava na jactanciosa demonstração de superioridade, afagando, ao mesmo tempo, a intima esperança de conquista-lo para as hostes do judaísmo. Preparara, por isso, a reunião com todos os requisitos de feição a impressionar-lhe os sentidos.

Estevam comparecia como um homem chamado a defender-se das acusações a ele imputadas, não como prisioneiro comum obrigado a acertar contas com a justiça. Examinando, pois, a situação, ele rogou com insistencia aos apóstolos galileus não o acompanhassem,

considerando, não só a necessidade de permanecerem junto dos sofreadores, como também pela possível ocorrência de sérios atritos, no caso de comparecimento dos adéptos do "Caminho", dada a firmeza de ânimo com que procuraria salvaguardar a pureza e a liberdade do Evangelho de Cristo. Além disso, os recursos de que poderiam dispôr eram demasiadamente simples e não seria justo afrontar com eles o poderio supremo dos sacerdotes, que tinham encontrado recursos para crucificar o proprio Messias. Em favor do "Caminho" pontificavam apenas aqueles enfêrmos desventurados; as convicções puras dos mais humildes; a gratidão dos mais infelizes — unica força poderosa pelo seu conteúdo de virtude divina, a lhes amparar a causa perante as autoridades dominantes no mundo. Assim ponderando, disputava o júbilo de assumir, sózinho, a responsabilidade da sua atitude, sem comprometer qualquer companheiro, tal como fizera Jesus um dia, no seu apostolado sublime. Se necessário, não desdenharia a possibilidade do derradeiro sacrificio, no sagrado testemunho de amor ao seu coração augusto e misericordioso. O sofrimento, por Ele, ser-lhe-ia suave e doce. Sua argumentação vencera o bom desejo dos companheiros mais veementes. Assim, sem amparo de qualquer amigo, compareceu ao Sinhédrio, tomado de forte impressão em lhe observando a grandeza e a suntuosidade. Habitado aos quadros tristes e pobres dos subúrbios, onde se refugiavam os infelizes de toda a especie, deslumbrava-se com a riqueza do Templo, com o aspecto soberbo da torre dos romanos, com os edificios residenciais de estilo grego, com a feição exterior das sinagogas que se espalhavam em grande número por toda parte.

que acorriam os elementos de escól, para identificarem o invulgar interesse de Saulo, que, no momento, era a expressão de mocidade mais vibrante do judaismo, o

Compreendendo a importancia daquela sessão a Sinhédrio requisitara o concurso da autoridade romana para a absoluta manutenção da ordem. A Côte Provincial não regateara providencias. Os proprios patri-

cios residentes em Jerusalém compareceram, numerosos, ao grande feito do dia, considerando que se tratava do primeiro processo em tórno das idéias ensinadas pelo profeta nazareno, depois da sua crucificação, que deixara tanta perplexidade e tantas dúvidas no conceito público.

Quando o grande recinto regorgitava de pessoas de alto destaque social, Estevam sentou-se no lugar préviamente designado, conduzido por um ministro do Templo, ali permanecendo sob a guarda de soldados que o fixavam ironicamente.

A sessão começou com todas as cerimoniaes regimentais. Ao iniciar os trabalhos, o sumo sacerdote annunciou a escolha de Saulo, consoante seu proprio desejo, para interpelar o denunciado e averiguar a extensão de sua culpa no aviltamento dos principios sagrados da raça. Recebendo o convite para funcionar como juiz do feito, o jóvem tarsense esboçou um sorriso triunfante. Com imperioso gesto, mandou que o humilde prégador do "Caminho" se aproximasse do centro da sala suntuosa, para onde se dirigiu Estevam serenamente, acompanhado por dois guardas de cenho carregado.

O moço de Corinto fixou o quadro que o rodeava, considerando o contraste de uma a outra assembléa e recordando a última reunião da sua igreja pobre, onde fôra compellido a conhecer tão caprichoso antagonista. Não seriam aquelas as "ovelhas perdidas" da casa de Israél, a que aludia Jesus nos seus vigorosos ensinamentos? Ainda que o judaismo não houvesse aceitado a missão do Evangelho, como conciliava ele as observações sagradas dos profetas e sua elevada exemplificação de virtude, com a avareza e o desregramento? O proprio Moisés fôra escravo e, por dedicação ao seu povo, sofrera inumeras dificuldades em todos os dias da existencia consagrada ao Todo-Poderoso. Jób padecera misérias sem nome e dera testemunho da fé nos sofrimentos mais acerbos. Jeremias chorara incompreendido. Amós experimentara o fêl da ingratidão. Como poderiam os israelitas harmonizar o egoismo com a

sabedoria amorosa dos Salmos de David? Estranhavel que, tão zelosos da Lei, se entregassem de modo absoluto aos interesses mesquinhos, quando Jerusalém estava cheia de famílias, irmãs pela raça, em completo abandono. Como auxiliar de uma comunidade modesta, conhecia de perto as necessidades e sofrimentos do povo. Com essas ilações, sentia que o Mestre de Nazaré se elevava muito mais, agora, aos seus olhos, distribuindo entre os aflitos as esperanças mais puras e as mais consoladoras verdades espirituais.

Ainda não voltara a si da surpresa com que examinava as túnicas brilhantes e os ornamentos de ouro que exuberavam no recinto, quando a voz de Saulo, clara e vibrante, o chamou á realidade da situação.

Depois de lêr a peça acusatória em que Nehemias figurava como principal testemunha e no que foi ouvido com máxima atenção, Saulo interrogou Estevam entre ríspido e altivo:

— Como vedes, sois acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro, perante as autoridades mais representativas. No entanto, antes de qualquer decisão, o tribunal deseja conhecer vossa origem, para determinar os direitos que vos assistem neste momento. Sois, porventura, de família israelita?

O interrogado fez-se pálido, ponderando as dificuldades de uma plena identificação, caso fôsse indispensável, mas respondeu firmemente:

— Pertencço aos filhos da tribu de Issacar.

O doutor da lei surpreendeu-se, ligeiramente, de maneira imperceptível para a assembléa, e continuou:

— Como israelita, tendes o direito de replicar livremente ás minhas interpelações; todavia, faz-se mister esclarecer que essa condição não vos eximirá de pesados castigos, caso persevereis na exposição dos erros crassos de uma doutrina revolucionária, cujo fundador foi condenado á cruz infamante pela autoridade deste Tribunal, onde pontificam os filhos mais veneráveis das tribus de Deus. Aliás, apreciando, por suposição, a vossa origem, convidei-vos a discutir lealmente comigo, quando de nosso primeiro encontro na assembléa dos homens

do “Caminho”. Fechei os olhos aos quadros de miséria que então me cercavam, para analisar tão só os vossos dotes de intelligencia; mas, evidenciando estranha exaltação de espírito, talvez em virtude de sortilégios cujas influencias são ali tão visíveis, vos mantivestes em singular reserva de opinião, apesar dos meus apelos reiterados. Vossa attitude inexplicavel, deu azo a que o Sinhédrio considerasse a presente denuncia de vosso nome como inimigo de nossas ordenações. Sereis agora obrigado a responder a todas as interpelações convenientes e necessárias, e eu espero reconheçais que o título de israelita não vos poderá livrar da punição reservada aos traidores de nossa causa.

Depois de não pequeno intervalo em que o juiz e o denunciado puderam verificar a ansiosa expectativa da assembléa, Saulo entrou a interrogar:

— Por que rejeitastes meu convite á discussão, quando honrei a prégação no “Caminho” com a minha presença?

Estevam, que tinha os olhos fulgurantes, como inspirado por uma fôrça divina, replicou em voz firme, sem revelar a emoção que intimamente o dominava:

— O Cristo, a quem sirvo, recomendou a seus discípulos evitassem, a qualquer tempo, o fermento das discórdias. Quanto ao ato de haverdes honrado minha palavra humilde com a vossa presença, agradeço a prova de imerecido interesse mas prefiro, antes de tudo, considerar com David (1) que nossa alma se gloriará no Senhor, visto nada possuirmos de bom em nós mesmos, se Deus nos não amparar com a grandeza da sua glória.

Em face da lição sutil que lhe era lançada em rosto, Saulo de Tarso mordeu os lábios, entre colérico e despeitado, e, procurando evitar, agora, qualquer allusão pessoal, para não cair em situação semelhante, prosseguiu:

— Sois acusado de blasfemo, caluniador e feiticeiro...

— Permito-me perguntar em que sentido — retrucou o interpelado, com desassombro.

— Blasfemo quando tomais o carpinteiro de Nazaré como Salvador; caluniador quando achincalhais a Lei de Moisés, renegando os princípios sagrados que nos regem os destinos. Confirmais tudo isso? Aprovais essas acusações?

Estevam esclareceu sem titubear:

— Mantenho minha crença de que o Cristo é o Salvador prometido pelo Eterno, através dos ensinamentos dos profetas de Israel, que choraram e sofreram no decurso de longos séculos, por transmitir-nos os júbilos doces da Promessa. Quanto á segunda parte, suponho que a acusação procede de interpretação errônea em torno de minhas palavras. Jamais deixei de venerar a Lei e as Sagradas Escrituras, mas considero o Evangelho de Jesus o seu divino complemento. Os primeiros são o trabalho dos homens, o segundo é o salário de Deus aos trabalhadores fiéis.

— Sois então de parecer — disse Saulo sem dissimular irritação, diante de tanta firmeza — que o carpinteiro é maior que o grande legislador?

— Moisés é a justiça pela revelação, mas Cristo é o amor vivo e permanente.

A essa resposta do acusado, houve um prurido de exaltação na grande assembléa. Alguns fariseus encolerizados gritavam injúrias. Saulo, porém, lhes fez um sinal imperioso e o silêncio voltou a possibilitar o interrogatório. E dando á voz um timbre de severidade, prosseguiu:

— Sois israelita e jovem ainda. Uma intelligéncia apreciável serve ao vosso esforço. Temos então o dever, antes de qualquer punição, de trabalhar pelo vosso regresso ao aprisco. E' imprescindível chamar o irmão desertor, com carinho, antes do extremo recurso ás armas. A Lei de Moisés poderá conferir-vos uma situação de grande relêvo, mas, que proveito tirariéis da palavra insignificante, inexpressiva, do operário ignorante de Nazaré, que sonhou com a glória para pagar as esperanças loucas numa cruz de ignomínia?

— Desprézo o valor puramente convencional que a Lei me poderia oferecer em troca do apoio á política do mundo, que se transforma todos os dias, considerando que a nossa segurança reside na consciéncia iluminada com Deus e para Deus.

— Mas, que esperais do mistificador que lançou a confusão entre nós, para morrer no Calvário? — tornou Saulo exaltadamente.

O discípulo de Cristo deve saber a quem serve e eu me honro em ser instrumento humilde nas suas mãos.

— Não precisamos de um inovador para a vida de Israel.

— Compreendereis, um dia, que, para Deus Israel significa a Humanidade inteira.

Diante dessa resposta ousada, a quasi totalidade da assembléa prorrompeu em apupos, mostrando sua hostilidade franca ao denunciado de Nehemias. Afeitos a um regionalismo intransigente, os israelitas não toleravam a idéia de confraternização com os povos que consideravam bárbaros e gentios. Enquanto os mais exaltados davam expansão a protestos veementes, os romanos observavam a cena, curiosos e interessados, como se presenciassem uma cerimonia festiva.

Depois de longa pausa, o futuro rabino continuou:

— Confirmais a acusação de blasfémia, enunciando semelhante princípio contra a situação do povo escolhido. E' a vossa primeira condenação.

— Isso não me atemoriza — disse o acusado, resolutamente — ás ilusões orgulhosas que nos conduziriam a tenebrosos abismos, prefiro acreditar, com o Cristo, que todos os homens são filhos de Deus, merecendo o carinho do mesmo Pai.

Saulo mordeu os lábios raivosamente, e, acentuando sua attitude rigorosa de julgador, prosseguiu com aspezeza:

— Caluniais Moisés, proferindo tais palavras. Aguardo vossa confirmação.

O interpelado, dessa vez, endereçou-lhe significativo olhar e murmurou:

— Por que aguardais minha confirmação se obede-

ceis a um critério arbitrário? O Evangelho desconhece as complicações da casuística. Não desdenho Moisés, mas não posso deixar de proclamar a superioridade de Jesus Cristo. Podeis lavar sentenças e proferir anátemas contra mim; entretanto, é necessário que alguém coopere com o Salvador no restabelecimento da verdade acima de tudo e sem embargo das mais dolorosas consequências. Aqui estou para faze-lo e saberei pagar, pelo Mestre, o preço da mais pura fidelidade.

Depois de cessar o abafado vozerio da assistencia, Saulo voltou a dizer:

— O tribunal reconhece-vos como caluniador, passível das punições atinentes a esse título odioso.

E tão logo foram grafadas as novas declarações pelo escriba que anotava os termos da inquirição, acentuou, sem disfarçar a ira que o dominava:

— E' indispensavel não esquecer que sois acusado de feiticeiro. Que respondeis a semelhante arguição?

— De que me acusam, nesse particular? — interrogou o prégador do "Caminho", com galhardia.

— Eu proprio vos vi curar uma jóvem muda, num dia de sábado, e ignoro a natureza dos sortilégios que utilizastes nesse feito.

— Não fui eu quem praticou esse ato de amor, como, certamente, me ouvistes afirmar; foi o Cristo, por intermédio de minha pobreza, que nada tem de bom.

— Pensais inocentar-vos com esta ingenua declaração? — objetou Saulo com ironia. — A suposta humildade não vos exculpa. Fui testemunha do fato e só a feitiçaria poderá elucidar seus ascendentes estranhos.

Longe de se perturbar, o acusado respondeu inspiradamente:

— E contudo, o judaismo está cheio desses fatos que julgais não compreender. Em virtude de que sortilégio conseguí Moisés fazer jorrar de uma rocha a fonte de agua viva? Com que feitiçaria o povo eleito viu abrirem-se-lhe as ondas revoltas do mar para a necessária salvação do cativo? Com que talismã presumiu Josué atrasar a marcha do sol? Não védes, em

tudo isso, os recursos da Providencia Divina? De nós nada temos, e todavia, no cumprimento do nosso dever, tudo devemos esperar da divina misericordia.

Analisando a resposta concisa, reveladora de raciocínios lógicos, irretorquíveis, o doutor de Tarso quasi rilhou os dentes. Um rapido golpe de vista na assembléia deu-lhe a conhecer que o antagonista contava com a simpatia e admiração de muitos. Chegava a desconcertar-se intimamente. Como recuperar a calma, dado o temperamento impulsivo que o levava aos extremos emotivos? Examinando a última assertiva de Estevam, sentia dificuldade em coordenar uma argumentação decisiva. Sem poder revelar o desapontamento proprio, incapaz de encontrar a resposta devida, considerou a urgencia de uma saída a proposito e dirigiu-se ao sumo sacerdote, nestes termos:

— O acusado confirma, por sua palavra, a denuncia de que foi objeto. Acaba de confessar, de público, que é blasfemo, caluniador e feiticeiro. Entretanto, por sua condição de nascimento ele tem direito á defesa última, independentemente das minhas interpletações de julgador. Proponho, então, que a autoridade competente lhe conceda esse recurso.

Grande número de sacerdotes e personalidades eminentes entreolharam-se, quasi com espanto, como a preliar a primeira derrota do orgulhoso doutor da lei, cuja palavra vibrante sempre conseguira triunfo sobre quaisquer adversários, fixando-lhe o rosto rubro de cólera, denunciando a tempestade que lhe rugia no coração.

Aceita a proposta formulada pelo juiz da causa, Estevam passou a usar de um direito que lhe era conferido pelo seu nascimento.

Levantando-se, nobremente contemplou os rostos ansiosos que o buscavam de todos os lados. Adivinhou que a maioria dos presentes presumia na sua figura um perigoso inimigo das tradições raciais, tal a sua expressão de hostilidade; mas notou, igualmente, que alguns israelitas o encaravam com simpatia e compreensão. Valendo-se desse auxílio, sentiu consolidar-se-lhe o bom animo, de maneira a expôr com maior serenidade os

sagrados ensinos do Evangelho. Lembrou, instintivamente, a promessa de Jesus aos seus continuadores, de que estaria presente no instante em que deverem dar testemunho pela palavra, competindo-lhe não temer ante as provocações inconcientes do mundo. Mais que nunca, sentiu a convicção de que o Mestre auxilia-lo-ia na exposição da doutrina de amor.

Passado um minuto de ansiosa expectativa, começou a falar de modo impressionante:

— Israelitas! por maior que fôsse nossa divergência de opinião religiosa, não poderíamos alterar nossos laços de fraternidade em Deus — o supremo dispensador de todas as graças. E' a esse Pai, generoso e justo, que elevo minha rogativa em favor de nossa compreensão fiél das verdades santas. Outrora, nossos antepassados ouviram as exortações grandiosas e profundas dos emissários do céu. Por organizar um futuro de paz sólida ás suas gerações, nossos avós sofreram misérias e penúrias no cativeiro. Seu pão era molhado nas lágrimas da amargura, sua sêde angustiava. Viram malogradas todas as esperanças de independência, perseguições sem conta destruíram-lhes o lar, com agravo de sofrimentos nas lutas de sua marcha. A' frente de seus mártírios dignificantes, andaram os santos varões de Israel, como gloriosa corôa do seu triunfo. Alimentou-os a palavra do Eterno, através de todas as vicissitudes. Suas experiencias constituem poderoso e sagrado esforço. Delas, temos a Lei e os Escriptos dos profetas. Apesar disso, não podemos iludir nossa sêde. Nossa concepção de justiça é fruto de um labor milenário em que empregámos maiores energias, mas sentimos, por intuição, que existe algo de mais elevado, além dela. Temos o cárcere para os que se transviam, o vale dos imundos para os que adoecem sem a proteção da família, a lapidação na praça pública para a mulher que fraqueja, a escravidão para os endividados, os trinta e nove açoites para os mais infelizes. Bastará isso? As lições do passado não estão cheias da palavra "misericórdia"? Algo nos fala á consciencia, de uma vida maior, que inspira sentimentos mais elevados e mais belos.

Ingente foi o trabalho no curso longo e multiseccular, mas o Deus justo respondeu aos angustiados apêlos do coração, enviando-nos seu Filho bem amado — O Cristo Jesus!...

A assembléia ouvia grandemente surpreendida. No entanto, quando o orador frisou mais forte a referencia ao Messias de Nazaré, os fariseus presentes, fazendo causa comum com o jóvem de Tarso, prorromperam em protestos, gritando alucinadamente:

— Anátéma! Anátéma!... Punição ao transfuga!

Estevam recebeu com serenidade a tormenta objurgatoria e tão logo foi a ordem restabelecida, prosseguiu com firmeza:

— Por que me apupais desta forma? Toda precipitação de julgamento demonstra fraqueza. Primeiramente, renunciei á discussão considerando que se deve eliminar todo fermento de discórdia; mas, dia a dia O Cristo nos convoca para um trabalho novo e, certamente, o Mestre me chama hoje, a-fim-de palestrar convosco relativamente ás suas verdades poderosas. De-nejais impôr-me o ridiculo e a zombaria. Isso, porém, deve confortar-me, porque Jesus experimentou esse tratamento em grau superlativo. Não obstante vossa repulsa, honro-me em proclamar as glórias inexcediveis do profeta nazareno, cuja grandeza veiu ao encontro de nossas ruínas morais, levantando-nos para Deus com o seu Evangelho de redenção.

Nova saraivada de apóstrofes cortou-lhe a palavra. Ditos mordentes e ásperos baldões eram-lhe atirados a esmo, de todos os lados. Estevam não esmoreceu. Voltando-se, sereno, fixou nobremente os circunstantes, guardando a intuição de que os mais exaltados seriam os fariseus, os mais fundamentalmente atingidos pelas verdades novas.

Esperando que recobrassem calma, falou novamente:

— Fariseus amigos, porque teimais em não compreender? Porventura temeis a realidade das minhas afirmações? Se vossos protestos se fundam nesse receio, calai-vos para que eu continue. Lembrai-vos de que me refiro aos nossos erros do passado e quem se associa

na culpa dá testemunho de amor, no capítulo das reparações. A-pesar-de nossas misérias, Deus nos ama e, reconhecendo eu a propria indigencia, não poderia falar-vos senão como irmão. Entretanto, se expressais desespêro e revolta, recordai que não poderemos fugir á realidade da nossa profunda insignificancia. Lestes, acaso, as lições de Isaias? Importa considerar a exortação (1) de que não poderemos sair, apressadamente, nem enganando a nós mesmos, nem fugindo aos nossos deveres, porque o Senhor irá adiante e o Deus de Israel será a nossa retaguarda. Ouvi-me! Deus é o Pai. Cristo é o Senhor nosso.

"Muito falais da Lei de Moisés e dos Profetas; todavia, com a mão na consciencia podereis afirmar a plena observancia dos seus gloriosos ensinamentos? Não estardes cegos atualmente, negando-vos á compreensão da mensagem divina? Aquele a quem chamais ironicamente o carpinteiro de Nazaré, foi amigo de todos os infelizes. Sua prégação não se limitou a expôr princípios filosóficos. Antes, pela exemplificação, renovou nossos hábitos, reformou as idéias mais elevadas, com o sêlo do amor divino. Suas mãos nobilitaram o trabalho, pensaram úlceras, curaram leprosos, deram vista aos cegos. Seu coração repartiu-se entre todos os homens, dentro do novo entendimento do amor que nos trouxe com o exemplo mais puro.

"Acaso ignorais que a palavra de Deus tem ouvintes e praticantes? Convém consultardes se não tendes sido méros ouvintes da Lei, de maneira a não falseardes o testemunho.

"Jerusalém não me parece o santuário de tradições da fé, que conheci por informações de meus pais, desde criança. Atualmente, dá impressão de um grande bazar onde se vendem as cousas sagradas. O Templo está cheio de mercadores. As sinagogas regorgitam de assuntos atinentes a interesses mundanos. As células farisáicas assemelham-se a um vespeiro de interesses mes-

(1) Isaias: 52, 12. — (Nota de Emmanuel).

quinhos. O luxo das vossas túnicas assombra. Vossos desperdícios espantam. Não sabeis que á sombra de vossos muros ha infelizes que morrem de fome? Venho dos subúrbios, onde se concentra grande parte de nossas misérias.

"Falais de Moisés e dos Profetas, repito. Acreditais que os antepassados veneráveis mercadejassem com os bens de Deus? O grande legislador viveu entre experiencias terriveis e dolorosas. Jeremias conheceu longas noites de angústia, a trabalhar pela intangibilidade do nosso patrimonio religioso, entre as perdições de Babilônia. Amós era pobre pastor, filho do trabalho e da humildade. Elias sofreu toda a sorte de perseguições, compelido a recolher-se ao deserto, tendo só lágrimas como preço do seu iluminismo. Esdras foi modelo de sacrificio pela paz dos seus compatriotas. Ezequiél foi condenado á morte por haver proclamado a verdade. Daniél curtiu as infinitas amarguras do cativeiro. Mencionais os nossos heroicos instrutores do passado, tão só para justificar o gôzo egoístico da vida? Onde guardais a fé? No confôrto ocioso, ou no trabalho produtivo? Na bolsa do mundo, ou no coração que é o templo divino? Incentivais a revolta e quereis a paz? Explorais o proximo e falais de amor a Deus? Não vos lembrais de que o Eterno não pode aceitar o louvor dos lábios quando o coração da criatura permanece dele distante?"

A assembléia, ante o sôpro daquela sublime inspição, parecia imóvel, incapaz de se definir. Muitos israelitas supunham ver em Estevam o ressurgimento de um dos primevos profetas da raça. Mas os fariseus, como se quebrassem a misteriosa fôrça que os emudecia, romperam em algazarra ensurdecadora, gesticulando a esmo, proferindo impropérios, no propósito de atenuar a forte impressão causada pelos surtos eloquentes e calorosos do orador.

— Apedrejemos o imundo! Matemos a calúnia! Anátema ao caminho de Satanaz!...

Nesse comenos, Saulo levantou-se rubro de cólera. Não conseguia disfarçar a fúria do temperamento impulsivo, a desbordar-lhe dos olhos inquietos e brilhantes.

Caminhou presto para o acusado, dando a entender que ia cassar-lhe a palavra e a assembléa logo se acalmou, embora permanecesse o rumor dos comentários abafados.

Percebendo que ia talvez ser coagido pela violencia e mais, que os fariseus pediam sua morte, Estevam fixou os mais ironicos e arrebatados, exclamando em voz alta e tranquila:

— Vossa attitude não me intimida. Cristo foi solícito no recomendar não temessemos os que só podem matar-nos o corpo.

Não pôde prosseguir. O moço tarsense, mãos á cintura, olhar iracundo e gestos rudes como se defrontasse um malfeitor comum, gritou-lhe furiosamente no ouvido:

— Basta! Basta! Nem mais uma palavra!... Agora que te foi concedido o último recurso inutilmente, tambem usarei o que me faculta a condição do nascimento, em face de um irmão desertor.

E caiu-lhe de punhos fechados no rosto, sem que Estevam tentasse a menor reação. Os fariseus aplaudiram o gesto brutal, em atoarda delirante, qual se estivessem num dia de festa. Dando arras ao seu arrebatamento, Saulo esmurrava sem compaixão. Sem recursos de ordem moral, ante a lógica do Evangelho, recorria á força física, satisfazendo á indole voluntariosa.

O prégador do "Caminho", submetido a tais extremos, implorava de Jesus a necessária assistencia para não se trair no testemunho. Nada obstante a reforma radical que a influencia do Cristo havia imposto ás suas concepções mais intimas, ele não podia fugir á dôr da dignidade ferida. Procurou, contudo, recompôr immediatamente as energias interiores, na compreensão da renúncia que o Mestre predicara como lição suprema. Lembrou os sacrificios do pai em Corinto, reviu na imaginação o seu suplício e morte. Recordou a prova angustiosa que sofrera e considerou que, se tão só no conhecimento de Moisés e dos Profetas tanto conseguira em energia moral, para enfrentar os ignorantes da bondade divina, que não poderia testemunhar agora

com o Cristo no coração? Esses pensamentos acudiam-lhe ao cérebro atormentado, como bálsamo de suprema consolação. Entretanto, embora a fortaleza de animo que lhe marcava o carater, viu-se que Estevam vertia copiosas lágrimas. Quando lhe observou o pranto misturado com o sangue a jorrar da ferida que a punhadada lhe abrira em pleno rosto, Saulo de Tarso conteve-se saciado na sua imensa cólera. Não podia compreender a passividade com que o agredido recebera os bofetões da sua força enrijada nos exercícos do esporte.

A serenidade de Estevam perturbou-o ainda mais. Sem dúvida, estava diante de uma energia ignorada.

Esboçando um sorriso de zombaria, advertiu alto-veio:

— Não reages, covarde? Tua escola é tambem a da indignidade?

O prégador cristão, apesar dos olhos molhados, respondeu com firmeza:

— A paz difere da violencia, tanto quanto a força de Cristo diverge da vossa.

Verificando, tamanha, a superioridade de concepção e pensamento, o doutor da lei não podia ocultar o despeito e a fúria que lhe transpareciam nos olhos chamejantes. Parecia no auge da irritação, a estravarar nos maiores despropósitos. Dir-se-ia haver chegado ao cumulo de tolerancia e resistencia.

Voltando-se para observar a aprovação dos seus partidarios, que se contavam por maioria, dirigiu-se ao sumo sacerdote e impetrou uma sentença cruel. Tremia-lhe a voz, pelo esforço físico despendido.

— Analisando a peça condenatoria — acrescentou ufano — e, considerados os graves insultos aqui bolsados, como juiz da causa rogo seja o réu lapidado.

Frenéticos aplausos secundaram-lhe a palavra inflexível. Os fariseus tão duramente atingidos pelo verbo ardente do discípulo do Evangelho supunham vingar, desse modo, o que consideravam escárneo criminoso ás prerrogativas de seu privilegio.

A autoridade superior recebeu o alvitre e procurou

submete-lo á votação no reduzido círculo dos companheiros mais eminentes.

Foi então que Gamaliél, depois de palestrar em voz baixa com os colegas de elevada investidura, comentando talvez o carater generoso e a nociva impulsividade do ex-discípulo, dando-lhes a entender que a sanção proposta seria a morte imediata do prégador do "Caminho", levantou-se no inquieto cenáculo e ponderou nobremente:

— Tendo voto neste tribunal e não desejando precipitar á solução de um problema de conciencia, proponho que se estude mais ponderadamente a sentença pedida, conservando o acusado em calabouço até que se esclareça a sua responsabilidade perante a justiça.

Saulo percebeu o ponto de vista do antigo mestre, inferindo que ele punha em jôgo o seu reconhecido pendor á tolerancia. Aquela advertencia contrariava-lhe sobremaneira os propósitos resolutos, mas, sabendo que não lhe poderia ultrapassar a autoridade veneranda, acentuou:

— Aceito a proposição na qualidade de juiz do feito; entretanto, adiada a execução da pena, qual fôra de desejar e tendo em vista o veneno distilado pelo seu verbo irreverente e ingrato, espero seja algemado e recolhido imediatamente ao carcere. E proponho igualmente investigações mais amplas sôbre as atividades supostamente piedosas dos perigosos crentes do "Caminho", a-fim-de que se extirpe na raiz a noção de indisciplina por eles criada para com a Lei de Moisés, movimento revolucionário de consequências imprevisíveis, que significa, em substancia, desordem e confusão em nossas proprias fileiras e ominoso esquecimento das ordenações divinas, com isso evitando a propagação do mal, cujo crescimento intensificará os castigos.

A nova proposta foi plenamente aprovada. Com a sua profunda experiencia dos homens, Gamaliél compreendeu que era indispensavel conceder alguma cousa.

Ali mesmo, Saulo de Tarso foi autorizado pelo Sinhédrio a iniciar as mais latas diligencias em tôrno das atividades do "Caminho", com ordem de admoestar,

corrigir e prender todos os descendentes de Israel dominados pelos sentimentos colhidos no Evangelho, considerado, desde aquela hora, pelo regionalismo semita, como repositório de veneno ideológico, com que o ousado carpinteiro nazareno pretendia revolucionar a vida israelita, operando a dissolução dos seus élos mais legítimos.

O moço tarsense, em frente de Estevam prisioneiro, recebeu a investidura official com um sorriso triunfante.

Encerrou-se, assim, a memoravel sessão. Numerosos companheiros acercaram-se do moço judeu, felicitando-o pela palavra vibrante, ciosa da hegemonia de Moisés. O ex-discípulo de Gamaliél recebia a saudação dos amigos e murmurava confortado:

— Conto com todos, lutaremos até o fim.

Os trabalhos daquela tarde tinham sido exaustivos, mas o interesse despertado fôra enorme. Estevam sentia-se cansadíssimo. Ante os grupos que se retiravam esflorando comentários os mais diversos, foi ele manietado antes de conduzido á prisão. Polarizando os sentimentos do Mestre, não obstante a fadiga, tinha confortada a conciencia. Com sincera alegria interior, verificava que mais uma vez Deus lhe concedia a oportunidade de testemunhar fé.

Em poucos instantes, a sombra do crepúsculo parecia caminhar rápida para a noite sombria.

Após suportar as mais dolorosas humilhações de alguns fariseus que se retiravam sob profunda impressão de despeito, custodiado por guardas rudes e insensíveis, ei-lo recolhido ao cárcere, com pesadas algemas.